

É uma vez: um devir-cartógrafa na queda na toca do coelho: um ensaio cartográfico sobre a formação de professoras em EAD

Once upon a time: a becoming-cartographer in the fall down the rabbit hole: a cartographic essay on teacher education in distance learning

Érase una vez: un devenir-cartógrafa en la caída por la madriguera del conejo: un ensayo cartográfico sobre la formación de profesoras en la educación a distancia

Livia Sgarbosa¹

Carolina Rodrigues de Souza²

Resumo: Neste ensaio, entrelaço a obra *Alice no País das Maravilhas* com uma cartografia das trajetórias de mulheres na educação, especialmente aquelas que, como Rosa, Luiza e Kátia, se tornaram professoras por meio da Educação a Distância (EAD). Organizado em dois atos, o texto assume, a partir da filosofia da diferença, sobretudo em diálogo com Gilles Deleuze, a queda como método e a escrita cartográfica como prática de parresia, bricolando uma trajetória. Fragmento de uma pesquisa que se desenha como um acontecimento, desestabilizando leituras tradicionais sobre a formação docente e encontrando, nas brechas do sistema, a potência criadora de vidas que insistem em existir, mesmo quando não são convidadas ao jogo.

Palavras-chave: Formação de professoras; Filosofia da diferença; Educação a distância.

Abstract: In this essay, I intertwine *Alice's Adventures in Wonderland* with a cartography of women's trajectories in education, especially those who, like Rosa, Luiza, and Kátia, became teachers through Distance Education (EAD). Organized in two acts, the text assumes, from the perspective of the philosophy of difference, particularly in dialogue with Gilles Deleuze, the fall as method, and cartographic writing as a practice of *parrhesia*, to bricolage a trajectory. This is a fragment of a research project that takes shape as an event that displaces and reinvents, destabilizing traditional readings of teacher education and finding, in the cracks of the system, the creative power of lives that insist on existing, even when they are not invited to play the game.

Keywords: Teacher education, Philosophy of difference, Distance education.

Resumen: En este ensayo, entrelazo la obra *Alicia en el País de las Maravillas* con una cartografía de las trayectorias de mujeres en la educación, especialmente aquellas que, como Rosa, Luiza y Kátia, se convirtieron en profesoras a través de la Educación a Distancia (EaD). Organizado en dos actos, el texto asume, desde la filosofía de la diferencia —principalmente en diálogo con Gilles Deleuze—, la caída como método y la escritura cartográfica como una práctica de parresía, bricolando una trayectoria. Fragmento de una investigación que se configura como un acontecimiento, desestabilizando lecturas tradicionales sobre la formación docente y encontrando, en las grietas del sistema, la potencia creadora de vidas que insisten en existir, incluso cuando no son invitadas al juego.

Palabras-clave: Formación de profesoras; Filosofía de la diferencia; Educación a distancia.

¹ Universidade Federal de São Carlos - Campus Sorocaba

² Universidade Federal de São Carlos

Antes da queda - uma introdução

*A narração de uma vida, longe de vir “representar”
algo já existente, impõe sua forma (e seu sentido) à
própria vida*
Arfuch, 2007, p.30³

Entre trilhas desviantes como a EJA e a EAD, mulheres constroem suas formações docentes sem jamais terem sido convidadas ao jogo. Este ensaio acompanha essas travessias por meio de uma cartografia sensível. Inspirado por *Alice no País das Maravilhas* e pela filosofia da diferença, especialmente nas tessituras de Gilles Deleuze, o texto se organiza em dois atos, cada qual operando como dobra de uma experiência em devir.

Esse ensaio cartográfico, fragmento de uma pesquisa em realização⁴, é atravessado por experiências de pesquisa, vida e pensamento, e é sustentado por uma escrita que se posiciona ao mesmo tempo artística e científica. Trata-se de uma escolha, em favor de uma expressão implicada, sensível e rizomática, inspirada nos movimentos que fazem do pesquisar uma experiência de linguagem e de corpo.

As notas de rodapé, por exemplo, não atuam como apêndices meramente técnicos. Elas operam como dispositivos de respiração, abrindo frestas na linearidade da narrativa principal. Algumas trazem informações teóricas que situam o leitor, outras funcionam como ressonâncias ou desvios poéticos, sempre compondo uma paisagem plural de sentido, em consonância com a proposta do texto.

A linguagem, aqui, não é um instrumento neutro, mas uma escolha ética e estética. A escrita é performada como prática de parresia e de resistência ao modelo de objetividade que exclui a subjetividade, o corpo, a memória e o afeto da cena da pesquisa. O texto opta por não pesar o discurso com explicações técnicas excessivas, preservando a fluidez da leitura e acolhendo leitores com diferentes formações e sensibilidades.

O uso da alegoria de Alice não é alegoria no sentido clássico, mas agenciamento conceitual, uma entrada no buraco do coelho como acontecimento da pesquisa e da vida. A escolha por uma linguagem ensaística e porosa, que flerta com o poético, é um modo de pensar-com. Como inspiram Deleuze e Guattari, pensar é criar e há criações conceituais que só se dão por meio do ritmo, da imagem, do devir e da linguagem. Em tempos de estriamento e

³ *apud* Rago, 2013, p. 30.

⁴ A citada pesquisa é realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação, nível doutorado, na Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba, iniciada em 2022.

precarização da docência, esta escrita deseja afirmar potências menores e devires-mulher-professora-cartógrafa. O primeiro ato, portanto, é a queda. E a queda, como sabemos com Deleuze (2009) e Carroll (2019), é sempre início de outra superfície. O segundo ato narra o acontecimento que rompeu certezas através dos encontros, e escutas da história de mulheres formadas pela EAD. A queda inaugura uma cartografia implicada, que transforma o olhar sobre a formação docente e sobre si.

Primeiro ato: é uma vez, e não só uma vez, uma pesquisa - da queda ao reconhecimento

É uma vez e não só uma vez. Mas essa vida inédita, feita de traços que se desenham no caminho, não se repetirá. E, se repetir, será outra, diferente, deslocada, trans-des-formada. É uma vez a jornada de uma queda desejada: num buraco fundo, que parece não ter fim. Às vezes, a queda é abrupta; noutras, lenta, hesitante. Há tropeços no ar, piruetas orgâsmicas, enroscos doloridos. Mas há olhos, ainda que estigmatizados, atentos. Sentidos aguçados que, mesmo em queda, miram as prateleiras do percurso, contemplam os desvios, os objetos, os acasos. E então, em algum momento, cria-se um chão, alguma consistência. É preciso territorializar.

No cartografar, um traço se repete, como quem canta para si em meio ao caos. O canto não é memória, é feitura. É ritornelo: aquilo que, ao se repetir, não volta ao mesmo, mas instaura uma diferença. É o pássaro que canta e, ao cantar, desenha no ar a sua terra, mesmo que não seja solo, mesmo que seja sopro. O ritornelo é linha de voo, agenciamento: faz território onde antes havia apenas queda. Territorializar é compor um espaço no tempo, dar consistência à deriva. E mesmo que tudo se desfaça logo em seguida, o que se viveu ali terá sido chão. Um instante de mundo inventado entre o corpo e o abismo⁵.

Lançar-se em uma jornada de pesquisa, talvez seja também isso: cair, entrar em queda. Trans-crever, re-escrever, rabiscar um texto atravessado por desejo, que brota da própria pesquisa e da própria vida. E para desejar, é preciso deixar cair, como Alice, que caiu por tédio?

Um tédio não vazio, mas fresta. Fresta no cotidiano saturado, intervalo entre a repetição e o insuportável. Talvez seja preciso tédio, sim, vacúolos de silêncio⁶, fendas no tempo

⁵ Deleuze e Guattari apresentam os conceitos de território e ritornelo como formas de dar consistência ao caos por meio da repetição que produz diferença. O ritornelo, ao se repetir, cria um território — não como fixação, mas como composição sensível e transitória de um espaço-tempo (Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*, vol. 4, 2011b, p. 124).

⁶ Deleuze (p. 164) propõe os “vacúolos de silêncio” como brechas na comunicação excessiva, essenciais para a emergência do pensamento e da criação de sentido. Ver: DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

ordinário, mal-estar. Algo novo surge, nasce quando o mundo, tal como está, já não dá conta de si.

Nesse mal-estar que, por vezes, é um referencial teórico que já não dá conta, que é insuportável, por isso, precisa ser deslocado, e nesse deslocamento que inquieta, existe um alarme da vida que se vê sufocada pelas formas atuais que a exprimem. Uma asfixia da existência, quando os contornos disponíveis já não bastam para conter o que vibra dentro (Rolnik, 2022)⁷. As afecções exigem passagem. Exigem linguagem. E a pesquisa, então, apresenta-se como uma prática de invenção de mundo. Um mundo que se arrisca na linguagem, que emerge do corpo em queda, não para encontrar chão, mas para compor territórios. Alice cai e cresce. Cresce tanto que já não cabe. Crescer, aqui, não é acúmulo, é deslocamento. Ao se tornar maior do que era, também se torna menor do que é agora, porque mudar de tamanho é também perder referências, reinventar o corpo e o pensamento⁸.

Pesquisei expondo meu corpo com coragem, deixando que esse corpo, corpos, memória e pensamento digam suas verdades. Em gesto de parresia: dizer o que atravessa, mesmo quando isso implica risco. Nesse mundo que caminho, não profundo, raso, largo e plano, encontrei Gatos de Cheshire, um deles, Foucault, disse-me que “a parresía é uma atividade verbal em que um falante expressa sua opinião pessoal, na qual se compromete com a verdade, correndo o risco de se opor a um auditório ou a uma instituição de poder” (Foucault, 2010, p. 42). Vislumbrei assim que a *parresiasta* é aquela que não se protege com dissimulações. Fala, apesar do risco. Assume a verdade como uma travessia perigosa, especialmente quando essa verdade desafia estruturas, normas, instituições.

Como quem ousa verbalizar sua verdade diante das Rainhas de Copas, a *parresiasta* corre o risco de ser silenciada, condenada, excluída. As instituições, à sua maneira, também “cortam cabeças”, eliminam ou marginalizam aquilo que desestabiliza a norma. A diferença, como verdade, assusta. E, por isso, muitas vezes um espaço estriado⁹ já se apresenta composto por vereditos previamente decididos.

⁷ Suely Rolnik descreve esse mal-estar como um alarme da vida sufocada pelas formas que a exprimem, exigindo passagem e linguagem para que o que vibra dentro encontre expressão (p. 283).

⁸ Deleuze (2009) aborda a obra de Lewis Carroll em diversos momentos de *Lógica do Sentido*, destacando logo no início a importância das variações de tamanho de Alice como deslocamento e reinvenção.

⁹ Os conceitos de espaço liso e espaço estriado, desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs: vol. 5*, referem-se a modos distintos de organização e percepção do espaço: o espaço liso privilegia a fluidez e a abertura, enquanto o estriado se caracteriza pela segmentação e pela ordem. Esses conceitos, que apontam para a coexistência e tensão entre forças criativas e de controle, estão sendo explorados ao longo deste texto como ferramentas para compreender os movimentos e os fluxos presentes na pesquisa. Ver: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2011.

Os caminhos que estão em cruzamento e me trouxeram até aqui foram muitos. A mesa, onde encontrava-se a chavinha dourada, era alta demais quando diminuí. Depois, a porta que a chavinha abria era pequena demais quando cresci. Entre criaturas estranhas, perguntas sem resposta e regras ilógicas, sigo atravessando esse percurso com o corpo em constante mutação e des-mutação, até chegar à beira de um jardim. É sempre contornando a superfície, a fronteira, que se passa para o outro lado, pela virtude de um anel. A continuidade entre o avesso e o direito, substitui os níveis de profundidade: não se trata de mergulhar, mas de girar, virar, torcer o plano, o dentro e o fora. Os efeitos e a superfície formam um só e mesmo Acontecimento (Deleuze, 2011a).

Vi professoras. Olhei-as ainda acreditando num distanciamento acadêmico, como pede a norma, com olhar que acredita ser sem travessia, mas sentia algum atravessamento... Que deveria ser negado?

Não é ético no método acadêmico tanto envolvimento?

O corpo não é atravessado com tanta intensidade pelos corpos que observa?

Não existia naquele primeiro momento tanta potência de afecção?¹⁰

Então lembrei: a memória dava sinais de que conhecia aqueles fluxos. Entrei, entrei no jardim lembrando que já estava lá bem antes. E, e, e... (DELEUZE; GUATTARI, 2011a) comecei a descrever os fluxos e as forças que impulsionam os percursos de formação das professoras que após terem sido afastadas do sistema educacional em algum momento de suas trajetórias, retomam os estudos e se envolvem em processos educativos.

As mulheres que vi, e vejo, realizam suas formações iniciais na EJA (Educação de Jovens e Adultos) ou no ensino noturno e concluem suas graduações em licenciaturas e/ou pedagogia na modalidade de EAD. Adentraram o jardim sem esperar por convite, estamos nós no jogo de *croquet*, com cartas de baralho vivas, fazendo marcas em processos de criação e constituição como professoras, tensionando os espaços estriados com experiências que se inscrevem nos campos educacionais. Em vez de buscar um retrato fixo ou uma narrativa linear, volto-me às trajetórias que vibram na desordem criativa e, por isso, experimento a bricolagem como método, compondo um percurso que observa, acompanha e festeja o diferenciar-se. Por isso, esse ensaio articula elementos capturados de entrevistas, conversas, crônicas, fotografias

¹⁰ Deleuze (p. 10), no curso sobre Spinoza, afirma que, para Spinoza, “uma afecção é a mistura de um corpo com um outro corpo, ou melhor, a marca de um outro corpo sobre o meu corpo será denominada ideia de afecção”. Ver: DELEUZE, Gilles. **Cursos de Gilles Deleuze**. Trad. E. A. R. Fragoso e H. R. Cardoso Jr. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

e encontros de corpos femininos nos espaços educacionais, inspirada pela busca de um olhar cartógrafo.

Guiada por fumaças lançadas por lagartas com narguilé que encontrei nos trajetos e leituras enigmáticas, provocadoras e cheias de perguntas, deixei-me afetar por autoras que também falam, mesmo que em espirais lentas de fumaça e pensamento. Assim, essa escrita fundamenta-se na perspectiva de Rolnik (2006), que destaca o papel do cartógrafo como um "antropófago", um observador atento do território de estudo. Recorrendo também a Rago (2013), ao privilegiar os trajetos das mulheres, não busca simplesmente construir um novo poder feminino, mas, antes, desconstruir poderes e evidenciar como certos dispositivos acadêmicos estão profundamente comprometidos com o domínio masculino e falocêntrico.

Essa não é uma história linear, mas é bom dizer que, antes da queda, teve um túnel reto. Certezas cartesianas¹¹ me habitaram, antes do dia da queda. Eu primeiro olhei de longe, almejando ser outra coisa, que não essa aqui. Já havia me encontrado, lá atrás, nos caminhos da pesquisa de mestrado, com histórias de jogadores que entravam no jogo sem serem convidados. Sem pedir licença, esses corpos atravessavam cercas, dobravam esquinas do previsível e ocupavam o campo da educação por veredas improváveis. O gesto de olhar de longe para esses protagonistas, que não esperam convite para existir, brotou de anseios e inquietações profundas, naquele tempo, amparada por outro referencial teórico, o marxismo.

Os jogadores da pesquisa (Sgarbosa, 2018) intitulada *"O Colégio São Benedito e a escolarização das populações negras em Campinas-SP no início do século XX"*, revelaram uma trilha de resistência e luta. Eram educadores negros, em pleno pós-abolição, buscando formação no ofício da docência, desenhando com coragem o acesso à cidadania para seus pares. Era uma travessia pela História da Educação. Mergulhei em atas de reuniões, em palavras que dormiam em papéis antigos, e encontrei nelas ecos de vozes comprometidas não só com a alfabetização de adultos e crianças, mas também com a formação de professores que ousaram ensinar, alguns deles iniciados na arte de educar ainda sob a sombra da escravização. Porque cercar o terreno, limitar o jogo, não é novidade. Mas o que é presente, é a coragem de quem rasga o alambrado. Sempre há quem desobedece.

Embora a pesquisa de mestrado não tivesse como foco a formação docente, mas sim os caminhos da educação e do acesso de adultos e crianças, ela abriu uma fresta no meu corpo. E,

¹¹ A palavra "cartesiana" refere-se a conceitos e princípios associados a René Descartes, filósofo e matemático francês do século XVII. Na filosofia, destaca-se pela ênfase na razão e no pensamento crítico, exemplificada pela famosa máxima "Cogito, ergo sum" ("Penso, logo existo"). O método cartesiano refere-se à abordagem de Descartes para resolver problemas complexos, dividindo-os em partes menores e mais manejáveis para análise lógica e ordenada.

por essa fresta, como quem espia pelo buraco da fechadura, nasceu interesses: como têm caminhado os corpos historicamente empurrados para fora da festa dos direitos? Como têm insistido os passos em adentrar o salão do magistério? Lembram um Coelho Branco, sempre atrasado, não por desatenção, mas porque o relógio do mundo não esteve tanto a seu favor. Atrasados por uma história que nega tempo, espaço e palavra. E ainda assim correndo, ainda assim insistindo, com relógios quebrados e desejosos pelo espaço, na tentativa de alcançar uma educação que, muitas vezes, já começava com suas ausências.

Quase como um sussurro incômodo, algo cresceu em mim como o cogumelo que muda o tamanho da gente. E, assim, fui sendo atravessada pelas trajetórias de sujeitados outrora marginalizados, invisibilizados, que agora, ou sempre, tentam fincar os pés no solo movediço da educação formal.

Durante a escrita da história dos professores negros, vivi também o avesso do papel da pesquisadora: fui docente na EJA. Mais tarde, coordenei caminhos. E foi ali, entre cadernos abertos e silêncios de décadas, que convivi com adultos que foram privados de sua infância escolar, que aprenderam a sobreviver sem que lhes ensinassem a escrever o próprio nome. A educação, para muitos, parece um daqueles jogos absurdos de um país subterrâneo, onde as regras mudam o tempo todo e ninguém sabe ao certo quem tem o direito de jogar. Entrar no campo do magistério, então, era mais do que se formar: era decifrar as regras ocultas de um jogo que nunca foi feito para acolher suas presenças. O desafio da lógica ilógica. O atraso que é empunhado num relógio inútil ou um flamingo desajeitado, mas, no jogo.

Atravessei mais uma porta, tão rígida, estreita, deparei-me num salão cheio de baias, cadeiras posicionadas que não transitavam e caminhos marcados por falas ensaiadas. Pensei que seria ouvida, que faria algo. Falei. Mas todos usavam fones de ouvidos, tiravam os fones só para alguns crachás importantes. Estranho é que fui convidada para compor aquele silêncio barulhento na Secretaria Municipal de Educação. Era coordenadora municipal da EJA e formadora de professores. Naquele novo cenário, entre silenciamentos, e manuais de atuação, cruzei com planos de aula e histórias de vida, e nesse vacúolo de silenciamento e barulho interno, um espelho ainda mais nítido transparece a exclusão educacional dos adultos. Agora, ela estendia seus tentáculos também às professoras, sobretudo àquelas formadas na modalidade EAD.

A intuição soprou que algo ali precisava ser olhado com mais cuidado. Algumas dessas mulheres, que carregavam o diploma do magistério, enfrentavam dificuldades quase labirínticas para acessar cargos públicos efetivos. Estavam sempre nas margens das listas de atribuição,

como substitutas ou contratadas por um fio de tempo, presas num jogo de *croquet* em que a bola se recusa a seguir o taco. Muitas, antes de se tornarem professoras, foram alunas da EJA, e carregavam, portanto, nos corpos e nos saberes, a marca do tempo negado e da educação no escanteio do campo.

Assim, surgiram perguntas que não cabiam mais nas molduras tradicionais da análise educacional. Havia algo que transbordava: a formação dessas docentes, mulheres em sua maioria, também estava atravessada por uma precarização persistente, um castelo de cartas montado sobre a falta de oportunidades, a lógica do imprevisto, a educação como gambiarra institucional. A EAD, nesse cenário, deixou de ser apenas uma ferramenta; tornou-se objeto de desconfiança, ponto de interrogação, sintoma. Foi nesse chão instável que os primeiros contornos dessa pesquisa começaram a se desenhar. As reflexões, ainda atravessadas pelos referenciais marxistas que haviam sustentado o mestrado, buscavam compreender a precarização da formação docente não apenas como um dado técnico, mas como um espelho de desigualdades estruturais. A lente ainda era a da exclusão, mas agora já suspeitava que o espelho podia distorcer dependendo do ângulo de quem olha. Talvez estivesse negando o espelho.

Segundo ato: o dia da queda e a mesa de chá - da coletividade à cartografia

Dias de tédio seguiram-se, semelhantes a tardes serenas. Assim como a menina da obra de Carroll, sentindo me pequena, entediada, imersa em meus pensamentos, refletia sobre pesquisas passadas e armazenava as tais certezas quase cartesianas para futuras investigações. Folheava livros, revisava estudos e articulava ideias sobre os contornos visíveis do mundo da EAD. Até que... um enunciado me inquietou profundamente.

Tal qual o Coelho Branco, com seu relógio no bolso do colete, algo despertou em mim uma perturbação no tempo interno. Decidi segui-lo, não com os pés, mas com o pensamento, emergindo na toca dos desafios da formação docente, explorando a profundidade da mulher que se gradua pela EAD. Estava tomada por um acontecimento, algo disruptivo que, como Alice, rompeu a continuidade da vida cotidiana e me lançou em novas possibilidades e realidades que desafiavam percepções tradicionais.

Foi nesse momento que entrei na toca. A minha queda foi quando estava em Campinas, no MIS (Museu da Imagem e do Som), palestrando sobre a luta pela educação de crianças negras, liderada por professores negros no início do período republicano no Brasil. Durante a

palestra, um jovem chamado Pedro, da plateia, disse: — *Ouvi você falar do acesso das crianças negras à educação no início da República e pensei na minha mãe. A minha mãe fez pedagogia! Ela era empregada doméstica, mas sempre sonhou em ser professora. Fez supletivo na EJA e, depois, faculdade à distância.*

A conquista empreendida pela mãe de Pedro foi apresentada como algo profundamente desejado, não apenas a realização de um sonho, mas também a possibilidade de transformações concretas: melhorias financeiras para a família, o ingresso dos filhos na universidade e a travessia para outros mundos possíveis. A fala cortou-me como uma navalha. Rasgou certezas que vinham sendo tecidas, cuidadosamente alinhadas. Expressou, que a lente através da qual eu vinha olhando para a formação em EAD talvez precisasse de N-1¹². Estava centrada na falta, na precarização, na ausência? Mas aquele diploma sorrateava outros sentidos, outra lógica. Ele era mais do que um papel atestando uma formação precarizada. Era algo anterior à dúvida, uma incerteza que se instalava como estrutura do próprio acontecimento...

A queda foi um mergulho! Aquela mulher, formada pela EAD, parecia ecoar perguntas, a inversão do mais e do mesmo: “*Gatos comem morcegos? Ou seriam os morcegos que comem gatos?*”. O que era falta é força? O que parecia frágil é vigor? E a EAD, antes lida apenas como marca da precarização, mostrava-se também como um espaço onde podem germinar outros afetos, corpos insistentes e forças que não se dobram? Precarização? Potência? Potência na precarização?

E eu? Cabe *eu* aqui? Sento-me nessa mesa de desaniversário? E eu que havia esquecido da minha própria formação? Eu, que já estive com uma barriga cheia de filho diante das telas tremeluzentes, tinha esquecido o que me movia? Tinha apagado de mim as noites insones, o peito apertado entre as exigências e o desejo?

A inquietação não vinha só de fora. Não era uma dúvida lançada ao mundo como quem pergunta esperando uma resposta. Era, antes, uma incerteza que se instalava no próprio acontecimento, que escava e divide o sujeito em outras direções ao mesmo tempo. É o paradoxo que destrói o bom senso, que dissolve o caminho único, e, em seguida, também aniquila o senso comum, onde se depositam identidades fixas como se fossem definitivas.

Ali, não havia mais um "nós" contra "eles", nem mesmo um "antes" e um "depois" claramente delimitado. Havia fluxo. Havia queda. Havia movimento. A toca do coelho me engolira. Não de fora, não de longe, não apenas como analista, mas como corpo que viveu, que

¹² A expressão N-1 é tomada de Mil platôs, vol. 1 (2011a, p. 21), onde Deleuze e Guattari afirmam que “é preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas ao contrário, de maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe — sempre N-1”.

atravessou, que ainda atravessa. E, como Alice, que esquece seu tamanho e precisa aprender a crescer e encolher sem perder-se de si, ali eu relembrava. Foi um *acontecimento*, não como um evento isolado, mas um ponto de intensidade em constante movimento, algo novo, singular e imprevisível, que atravessa e desafia a abraçar a incerteza e a abertura ao novo, questionando as noções de identidade e realidade¹³.

E Pedro era apenas o início. A fala dele foi como uma chave que abriu uma porta para muitas outras: vozes antes silenciadas, mas sempre presentes ao meu lado. A mãe do Pedro são muitas mulheres¹⁴ em processos múltiplos e singulares de atualização, ou seja, de devires. É ver-se e enxergar a coragem da verdade em si e em tantas outras mulheres. Uma diferenciação pelo acontecimento, atualizando seu corpo. Em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, Gatos também da espécie Gato de Cheshire, Deleuze e Guattari (2011b) definem o acontecimento como um conceito limite que exprime a natureza do devir, a relação do devir com o devir-outro, e a relação do devir com o seu próprio devir. O contato com a experiência de devir daquela mãe me atualizou. Obedeci ao rótulo da garrafa, “Beba-Me”, aproximando do devir Menina Crescida¹⁵.

Kátia é mãe do Pedro! Uma vida que, embora num sistema atue sujeitando tanto docentes quanto alunos, re-existe e cria novos possíveis. Atualiza sua existência na criação de novas linhas e fluxos, subvertendo as limitações impostas e abrindo espaços para outras formas de vida. Olhar para ela implicou a coragem de olhar a minha própria trajetória e ver minha existência, de lembrar o que estava esquecido, de notar que o trajeto compartilhava trilhas próximas de tantas outras mulheres. Foi como mudar a lente dos óculos, afinando o olhar para perceber as belezas que podem existir mesmo quando nosso tamanho nunca é o adequado.

Ora estamos diante de uma sala cheia de portinhas, algumas pequenas demais, outras grandes demais. Às vezes a chave está no alto, longe do nosso alcance; outras vezes somos nós que crescemos tanto que acabamos presas na casa do Coelho, tentando encontrar uma saída,

¹³ Em *Lógica do Sentido* (2009), Deleuze traz a ideia de que o acontecimento é sempre ideal, puramente expressivo, sem lugar próprio, e desliza por sobre os estados de coisas, como uma neblina”.

¹⁴ Quando afirmo que “a mãe de Pedro são muitas”, faço referência à ideia de multiplicidade presente em Deleuze e Guattari na introdução de *Mil Platôs*: “Escrevemos O Anti-Édipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente”. Ver: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 17.

¹⁵ “Menina Crescida” faz alusão à obra *A Menina Repetente*, de Anete Abramowicz, que investiga as experiências de meninas que enfrentaram a repetência nos anos iniciais do ensino fundamental. A autora analisa, com sensibilidade e rigor, as marcas sociais e subjetivas deixadas por essa trajetória escolar interrompida. Retomo essa referência porque muitas das mulheres que escutei em minha pesquisa, recentemente estudantes da EJA, foram crianças na década de 1990, meninas que, como as retratadas por Anete, vivenciaram a exclusão da educação formal e, décadas depois, retornam à escola em busca de outros sentidos para sua formação. Ver: ABRAMOWICZ, Anete. *A menina repetente*. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

tentando caber em mundos que não foram feitos para o nosso tamanho. Por vezes, nossos pés parecem distantes, quase fora de nosso próprio corpo. No entanto, é exatamente nesse espaço de descompasso que o caminho não é um. Minhas colegas de trabalho, com percursos de formação envolvendo a EJA e a EAD, sempre estiveram nos cursos de formação, nas reuniões da Secretaria, nas escolas. Estavam ali o tempo todo, mas, ao seguir uma lógica massificada da visão, quase ninguém as percebia. Neste território que se abriu, como se atravessasse o espelho encontrei todas elas compartilhando a mesma mesa de desaniversário. Sentadas ao meu lado estavam Rosa, Luiza e Kátia, compartilhando o chá, as histórias e as conquistas que marcaram suas trajetórias.

Kátia certa vez contou-me que trabalhou muitos anos como gari, e que esse era um momento melhor do que os anteriores, pois embora limpasse a rua, já era um passo adiante na vida, com estabilidade no emprego. Na EJA, concluiu o ensino fundamental e passou neste concurso público. Foi assim, aos poucos, passo a passo, num descompasso possível e criativo, que criou seus filhos e, quando eles já estavam grandes, conseguiu matricular-se na faculdade. Ela ainda relatou que não existia a menor possibilidade financeira ou mesmo de tempo para que frequentasse um curso superior presencialmente.

Foi por esse caminho da EAD, tão criticado, que se tornou professora. Entrou no jogo sem convite.

Será que... O desejo de melhorar de vida e proporcionar um futuro melhor para seus filhos reconfigurou sua própria existência, reinventando-se constantemente e desafiando as limitações impostas pelo contexto social e econômico?

Meninas Crescidas que questionam e desafiam as regras do País das Maravilhas ao se depararem com personagens e situações absurdas, desafiam as normas e realidades estabelecidas e encontram-se em um ambiente educacional que muitas vezes parece ilógico e incoerente.

Luiza limpava uma casa com oito banheiros durante a graduação; Rosa limpou casas desde os doze anos de idade. Não eram convidadas da Rainha para o jogo de *croquet*, são professoras confrontando as estranhezas e as arbitrariedades. Ora reivindicando seus direitos de falar por si mesmas, ora dobrando-se para existirem sem grande alarde.

Assim como Alice, meninas que obedecem ao rótulo “Beba-me”, acaso Meninas Crescidas encontram forças para desafiar a tirania e a arbitrariedade, mostrando maneiras de afirmar sua voz?

Elas criam espaços de resistência e autonomia dentro de um contexto opressor e confuso?

Mesmo diante de regras aparentemente inquebráveis, é possível reivindicar a voz da própria narrativa e transformar a realidade ao seu redor?

Aprendemos a ser invisíveis, inclusive esquecer quem somos. É que dá vergonha. Na queda é bom falar sozinha, é um alívio que ninguém nos escute. Criar palavras e parecer corajosa sem que ninguém veja é bem mais fácil. É sedutor seguir um mistério, um enigma, um coelho branco. Exibir os conhecimentos no escuro é mais confortável.

Ter uma graduação frequentemente vista como um campo de formações aligeiradas, desintelectualizadas e despolitizadas, traz questionamentos sobre se isso faria os leitores olharem esse texto com desconfiança. A presença do passado pulsa, não como algo fixo ou distante, mas como uma força viva que atravessava cada trajetória. O Gato Deleuze, disse-me que a memória não é apenas o armazenamento de eventos passados, mas um campo de forças em constante transformação, onde o passado se virtualiza e se atualiza no presente¹⁶. Ele afirma ainda que "a repetição é o que expressa, em seu ser, um modo essencial do passado" (Deleuze, 2018, p. 118). O passado não é uma entidade fixa ou representável em sua totalidade, mas uma potência que se diferencia ao ser trazida à vida pelo pensamento ou pela experiência. Nesse movimento, o passado deixa de ser uma recordação estática e se torna um componente criador que reconfigura o presente e abre espaço para o devir.

O devir Menina Crescida, como passado, agora forçava o porvir Cartógrafa. As falas e lembranças dos corpos da pesquisa não eram memórias de trajetórias lineares de outras pessoas, mas fluxos de forças que se conectam, rompem com a normatividade e reinventam modos de existir. É preciso lembrar de onde vem o desejo de esquecer!

Rosa lembra, querendo esquecer, das reuniões de HTPC em que falavam sobre as professoras que estão chegando, agora formadas em EAD, um tipo de professora que mal sabe escrever. Kátia lembra, querendo esquecer, que não sabia como dar aula e que não se sentia boa como as outras professoras, aquelas que usavam vestidos. Luiza lembra, querendo esquecer, que a patroa dona da casa de oito banheiros disse que sua faculdade estava atrapalhando a dedicação na limpeza.

Existe desejo em querer esquecer os colegas nas disciplinas de mestrado, falando da precariedade da EAD, desejo de esquecer meu silêncio diante daquelas discussões, como quem escutava algo de outra pessoa bem distante.

¹⁶ DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Paz e Terra, 2018, p. 117-125.

Meninas Crescidas são atravessadas por desejos de silêncio e por desejos de quebrá-los também. A Cartógrafa desenha outros fluxos.

Acordei! Acordei do sonho da queda na toca diante de uma banca de seleção para o doutorado.

Ao final da entrevista, uma das avaliadoras me perguntou: “*Você ainda tem três minutos. Há algo que você queira dizer que ainda não foi dito?*” E eu disse: “*Eu não quero que essas mulheres sejam meu objeto de pesquisa. Eu quero chegar com todas elas, porque eu sou elas*”.

A partir desse gesto, a cartografia já não era apenas um método ou uma linguagem. Era ato. Ato de implicação, de inscrição do corpo no mapa que se traça, de dissolução da distância entre quem narra e quem é narrada. Era uma cartografia viva, feita de encontros, hesitações, vergonhas, coragens. Era o mapa desenhado com a própria pele.

Dali em diante, cada fala compartilhada deixou de ser apenas dado ou narrativa. Tornaram-se vibrações que atravessavam minha própria história, minhas hesitações, os silêncios que cultivei para não ser desautorizada...

Dizer isso não foi simples. Foram anos até alcançar essa frase. Não por falta de palavras, mas por medo. Medo de me dizer. De me implicar. De permitir que o corpo aparecesse no texto com seu trajeto nada distante.

Sentei em várias mesas de chá, Des-Mutação, Transversal, Múltiplos Uns, Possíveis e Razão Inadequada¹⁷, procurando algo que ainda não sabia nomear. Buscava um lugar, um modo de dizer que não me traísse. Recusava os métodos prontos, os caminhos já asfaltados, os formatos domesticados. Mas a recusa, por si só, não dava conta do que me atravessava.

As inseguranças vinham de antes. Marcas, às vezes caladas, outras vezes gritantes, da formação inicial. Por vezes, estamos tão crescidas, mas não há tamanho que baste quando tudo ao redor diz que não basta. A graduação em EAD, de uma mãe de três filhos pequenos, em horários fragmentados, entre silêncios e interrupções, teve sua experiência, por muito tempo, apagada. Como se, para ser legitimada no espaço acadêmico, fosse preciso omitir.

No mestrado, fui acolhida e reconhecida, mas também me calei. Colegas e professores discutiam com desdém a precariedade da EAD, e eu fingia que aquelas falas não me atravessavam. Escutava como se falassem de outra realidade. Meu orientador, homem

¹⁷ Os grupos de pesquisa mencionados no texto são: Des-Mutação, vinculado à Faculdade de Educação da UFSCar São Carlos e coordenado pela Prof^a. Dr^a. Carolina Souza; Transversal, vinculado à Faculdade de Educação da Unicamp e coordenado pelo Prof. Dr. Silvio Gallo; Múltiplos Uns, vinculado à Faculdade de Educação da USP e coordenado pela Prof^a. Dr^a. Michela Tuchapesk da Silva; Possíveis - Blog com cursos de filosofia coordenados pelo Prof. Dr. Gustavo Almeida Barros e Razão Inadequada, uma produção independente sobre Filosofia, coordenada por Rafael Lauro e Rafael Trindade.

admirável e generoso, mas também atravessado pelas engrenagens do sistema, me disse certa vez: *“Você já superou essa fase. Não precisa contar para ninguém sobre a EAD”*.

Por vezes, sentia-me como se tivesse sido convidada pela Rainha para entrar no jogo. Um convite que parecia gentil, mas cujo tom eu jamais soube decifrar por completo. A formalidade da recepção me fazia acreditar que eu devia agradecer, que talvez fosse sorte estar ali. Mas a hostilidade das regras, o silêncio dos olhares, a sutileza dos critérios, tudo me dizia que aquele espaço não havia sido feito para esse corpo. Que era preciso manter a cabeça baixa, jogar com cuidado, não errar, ou não existir demais.

No doutorado, desejei falar das mulheres que se formaram na EAD, muitas delas atravessadas pela EJA, pela maternidade, pelas urgências e desvios da vida. Queria escutá-las. Queria que suas vozes emergissem como potência e não como exceção. Pensei em propor trocas de cartas, mas percebi nelas um receio que também já tinha sido o meu: o medo de escrever. De ser escrita. Então pensei em filmar. Queria capturar gestos, olhares, silêncios; fragmentos que, juntos, compusessem uma cartografia afetiva. Filmei! Mas algo me incomodava. Havia o risco de transformar as forças em formas, os fluxos em dados. Era preciso outra escuta. Uma escuta que não fixasse. Uma atenção ao que Deleuze e Guattari chamam de linha de fuga: aquilo que escapa, que resiste à codificação, que não se deixa aprisionar pela forma do conhecimento instituído. A cartografia que eu buscava não podia se transformar em prisão conceitual. Precisava respirar com elas.

Foi numa reunião com minha orientadora, Carol, minha outra lagarta de narguilé, que ouvi o que ainda não havia escutado em mim: *“Talvez a sua maior dificuldade esteja em aceitar que é você quem está na pesquisa. Que é sua voz que precisa emergir também”*.

Ela não me deu respostas, mas lançou fumaça. E, naquele dia, compreendi: o desafio não era com o método, nem com a pesquisa. Era com o gesto de me dizer. De assumir, com parresia, que esta pesquisa não falava apenas *sobre* outras mulheres, mas com elas.

Foi a partir disso que pude, enfim, afirmar: *“Eu sou elas”*.

Dali em diante, o que estava em jogo não era apenas escuta: era implicação ética, era coragem da verdade, era o risco do dizer. Assumir a EAD, minha maternidade durante os estudos, os julgamentos que suportei e o desejo que me moveu era parte indissociável da cartografia que eu desejava compor.

A pesquisa acontecia em mim e com as outras, e, e, e...

Não havia mais borda entre sujeito e objeto. Havia um campo de forças em constante atualização, um mapa vivo, sensível, insurgente. Eu já estava na mesa de chá há tempos.

Não cheguei depois. Não fui convidada. Já estava mesmo lá, sentada entre criaturas que, por tanto tempo, julguei estranhas. Ao redor da mesa, Meninas Crescidas. Não aquelas que perderam o rumo, mas as que, apesar dos atalhos, das curvas, dos desvios, insistem em seguir. Meninas com diplomas empilhados nas prateleiras; prateleiras essas que quase ninguém olha. Diplomas que não garantem pertencimento, porque ainda há quem veja nelas a falta, e não o excesso. Ainda há quem as enxergue como lacuna, mesmo quando já transbordam.

Nesse chá eterno, onde o tempo se recusa a passar, percebi que estávamos presas em um looping de conversas cortadas, lugares movediços, falas que se repetem sem resposta. “*Você quer mais um pouco?*” Perguntam, mas não escutam a resposta. É o gesto da inclusão formal, que não transforma. O tempo ali parece suspenso: não é que não avançamos, é que estamos sempre sendo recomeçadas. Não adiantava vestir o colete do Coelho, seguir o relógio ou sentar corretamente à mesa: as regras mudam a cada gole de chá. Algumas xícaras são ofertadas com delicadeza; outras, empurradas com acidez.

Naquela mesa, as Meninas Crescidas sabem da ausência. Já foram confundidas com erro, exceção, imprevisto. Já foram desacreditadas em entrevistas, concursos, salas de aula. Já ouviram que são despreparadas, despolitizadas, desqualificadas. Mas permanecem. Porque o chá continua, e a mesa está posta.

Referências

- CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Trad. M. Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide, 2019.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- DELEUZE; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2011b.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad. L. R. Salinas. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. Trad. E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- ROLNIK, Suely. As aranhas, os Guarani e os Guattari. In: SANTOS, A. (org.). **Psicanálise esquizoanálise**. São Paulo: n-1 edições, 2022, p. 271–334.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2006.

SGARBOSA, Livia. **O Colégio São Benedito e a escolarização da população negra em Campinas-SP no início do século XX**. 2018. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

Sobre as autoras

Livia Sgarbosa: Doutoranda em Educação - UFSCAR; Mestre em Educação no grupo, Estado, Política e Formação Humana da Universidade Federal de São Carlos, Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira na Universidade Salesiana em Campinas, graduada em História pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais. Atualmente é formadora de professores pela rede Municipal de Monte Mor e Professora de História e Ciências Sociais na Escola Caramelo COC. É membro do grupo DES:MUTAÇÃO - Vida, Ciência e Educação - UFSCAR e pesquisadora do grupo Outra Margem - Grupo de Pesquisa em Filosofia e Educação: Arte, Ciência e Diferença - CEUCLA.

E-mail: liviasgarbosa@hotmail.com

Carolina Rodrigues de Souza: Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, com co-tutela na Ecole Normale Supérieure de Cachan, França (2008); mestre em Educação pela UFSCar (2004) e licenciada em Ciências Exatas, habilitada em Física pela Universidade de São Paulo - USP (2001). Atualmente é docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no Departamento Metodologia de Ensino (DME). Tem experiência na área de Educação, com ênfase na Educação em Ciências com aporte na discussão da epistemologia da Diferença. Coordenadora Institucional do PIBID da UFSCar. Líder do grupo de pesquisa Des:mutação - Vida, Ciência e Educação.

E-mail: carolinasouza@ufscar.br

Recebido em: 15 jul. 2025

Aprovado em: 17 jul. 2025